

MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS NUMA NOVA CIDADE

Juliana Lemes Inácio¹

Globalização, relações políticas e trabalhadores: conjecturas e processo histórico

Resumo:

Este texto tem como objetivo apresentar em linhas gerais a proposta da tese de doutorado desenvolvida pelo Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia que tem como proposta compreender as mudanças e permanências vividas na cidade de Nova Ponte/MG. O foco do texto é refletir a respeito de memórias que indicam tentativas de resistências, bem como diferentes interpretações a respeito do processo vivido naquela cidade.

A pesquisa em andamento tem a cidade como temática e busca compreender os processos de constituição de memórias urbanas e as contradições do processo social testemunhadas nos territórios, bem como as culturas que forjam a cidade. A investigação sobre os embates vividos em Nova Ponte/MG tem viabilizado o desenvolvimento de uma problemática cujo foco é o estudo das mudanças e permanências nos modos de se viver na cidade.

A instalação da Usina Hidrelétrica da Cemig, inaugurada oficialmente em 1994, é lembrada pela imprensa e pela historiografia como o principal elemento veiculador das transformações operadas em Nova Ponte. Para a construção da barragem, represou-se o rio Araguari, o que provocou a “relocação” da cidade antes entrecortada pelo rio. A cidade agora é nova, planejada, marcada pelas largas avenidas, pelas suntuosas edificações de instituições de poder, como igrejas, prefeitura e câmara municipal e pelas muitas memórias que, em disputa, a compõe. Considero que as transformações vividas em Nova Ponte não são locais e nem se devem exclusivamente a chegada da usina. Pelo contrário, elas vêm juntamente com tendências gerais de mudanças engendradas numa conjuntura histórica específica e se manifestam, por exemplo, nas mudanças nas relações de trabalho, especialmente nas atividades que se desenvolvem no campo, entre outros. Entretanto, a tensão vivida na cidade em função da chegada da usina não pode ficar à margem da análise.

Algumas tensões experimentadas em Nova Ponte, além de serem investigadas por meio das entrevistas, também são analisadas a partir de documentos produzidos pela Cemig, em documentos arquivados na Casa da Cultura em Nova Ponte, em fotografias de diferentes naturezas – de famílias, produzidas por mim e outras publicadas em documentos da Cemig ou em jornais – além de jornais, textos de memorialistas e poesias de moradores da cidade.

A emergência de movimentos sociais como o MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens, e as constantes notícias que envolvem condições de vida dos trabalhadores, os modos como se processam as desapropriações e as interferências nos modos de vidas de sujeitos que vivem nas proximidades de rios represados são pistas que indicam as contradições e os jogos de interesses de classe na articulação e execução de projetos de hidrelétricas. Problemas desencadeados nas usinas de Jirau, Belo Monte e

¹ Doutoranda. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Orientação professora doutora Célia Rocha Calvo. Email: julianalemes05@gmail.com

Santo Antônio vem sendo constantemente denunciados, inclusive na grande imprensa, e os embates parecem se repetir. Um caso recente se refere aos modos como os consórcios conduzem as negociações com os moradores de áreas atingidas. A própria controvérsia na noção do que pode ser considerado “área impactada” e “moradores atingidos” não deixa que seja camuflado os interesses classistas presentes na concretização destes empreendimentos.

No site do MAB há inúmeras matérias que se reportam aos problemas enfrentados na região Norte do país em função do tipo de política voltada para a produção de energia adotada. Pode-se escolher sobre o tipo de embate a ser lido. Uma notícia publicada em 03/05/2012 se reporta às tensões vivenciadas por aqueles que vivem nos territórios influenciados de algum modo pela usina de Belo Monte. Ao adotar uma noção imprecisa do que pode ser considerado área impactada e moradores atingidos, os consórcios buscam se esquivar dos transtornos que geram, juntamente com a energia elétrica, em favor dos lucros que buscam:

E não são só os atingidos à jusante que sofrem com o não reconhecimento da Norte Energia. A concessionária trabalha com índices de medição que já foram provados por estudos solicitados pelo Ministério Público Federal e pela Universidade Federal do Pará como incorretos, ou seja, enquanto as medições do consórcio apontam 16 mil pessoas a serem reassentadas, esses novos estudos da UFPA apontam mais de 25 mil.²

Nessa mesma direção, outra notícia também é indicativa das tensões sociais advindas com a implantação de hidrelétricas:

A falta de uma política séria e de critérios para indenização, aliada ao desrespeito à realidade local e à vivência histórica dos atingidos é uma das principais marcas das empresas construtoras de barragens em Rondônia. Os consórcios impuseram um modelo de reassentamentos que já apresentam inúmeros problemas. Se antes as famílias podiam sobreviver em suas áreas de terras, agora receberam pequenos lotes que variam de 400 m² a 10 hectares de terras, longe dos rios e com condições precárias. O único reassentamento com 50 hectares é o de Santa Rita, sendo que 40 hectares seriam de reserva, mas a empresa ainda não comprou a área. Cabe ressaltar que nesta região o módulo mínimo do INCRA é de 60 hectares.³

Para além de sinalizar os problemas nos modos como se conduz os reassentamentos e nos critérios adotados para a definição dos pagamentos de indenizações, este trecho de reportagem aponta para as mudanças nos modos de

²Norte Energia nega direito de atingidos à jusante de Belo Monte. Disponível em <http://www.mabnacional.org.br/?q=noticia/norte-energia-nega-direitos-atingidos-jusante-belo-monte>. Acesso: 26/05/2012

³ O lucro e o caus na barragem do rio Madeira. Disponível em <http://www.mabnacional.org.br-nas-barragens-do-rio-madeira>. Acesso em: 26/05/2012

sobreviver de quem vivia nas áreas atingidas, que passam a ser pautados agora por deterioração e por carências. As políticas que, num mundo globalizado, não balizam direitos sociais e se definem pelo intento de atender aos anseios das classes hegemônicas, mostram-se nos interesses políticos que movimentam a construção dessas hidrelétricas, tal como foi com o processo desenvolvido em Nova Ponte.

Diante dos modos como estes empreendimentos são implantados cabe questionar a respeito das maneiras como a técnica tem sido utilizada na nossa sociedade. Na memória dominante, sobretudo nos discursos de governos e das classes patronais que financiam a implantação de hidrelétricas, a técnica empregada na geração de energia elétrica é apresentada como algo produzido para o bem da sociedade. Romper com uma noção de técnica naturalizada pode permitir, como Milton Santos aponta, tomar o lado perverso do processo e tentar trazer à tona as carências que são geradas, mas principalmente as possibilidades que podem emergir desse processo conflituoso, ou seja, pensar que podem estar sendo produzidas as condições de realização de uma nova história. Ao tentar caracterizar as mudanças em curso, Santos considerou que

Um deles é o crescente desencanto com as técnicas, acompanhado por uma gradativa recuperação do bom senso, em oposição ao senso comum, isto é, em oposição a pretensa racionalidade sugerida tanto pelas técnicas em si mesmas como pela política de seu uso. Outro dado significativo se levanta com a impossibilidade relativamente crescente de acesso a essas técnicas, em virtude do aumento da pobreza em todos os continentes. Junte-se a este dado o fato de que, apesar da capacidade invasora das técnicas hegemônicas, sobrevivem-se e criam-se novas técnicas não hegemônicas. Pode-se arriscar um vaticínio e reconhecer, no conjunto do processo, o anúncio de um novo período histórico, substituto do atual período. Estaríamos na aurora de uma nova era, em que a população, isto é, as pessoas constituiriam sua principal preocupação, um verdadeiro período popular da história, já entremostrado pelas fragmentações e particularizações sensíveis em toda parte devidas à cultura e ao território. (SANTOS, 2008, p.119)

Uma das questões iniciais que me moveram à optar por esta temática diz respeito a proposta de compreender as maneiras como os moradores de Nova Ponte encararam a implantação daquele projeto na cidade, os modos como puderem resistiram, se essa resistência lhes foi possível e como foi articulada. Assim, a proposta da pesquisa é sondar a respeito das diferentes possibilidades que estavam postas, procurando compreender a lógica presente no processo histórico que faz com que um projeto prevaleça sobre outros. Além dessas questões, compreender os sinais dessa resistência no articular dos territórios da cidade, ou seja, nas suas ruas e edificações era também algo cogitado como digno de ser pesquisado, uma vez que a noção de território é aqui entendida enquanto

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e

espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2008, p.97)

Trazer a cidade a partir dessa perspectiva significa abordá-la como um espaço de disputa onde as desigualdades se manifestam. O espaço não é entendido pelos viés do físico, mas pelas vivências, tem a ver com imbricações de relações culturais, pensando que cultura não é algo que está pronto ou dado a priori, mas que expressa relações de aproximações e de distanciamentos, resistência e acomodação.

E é neste espaço de disputas que houve manifestações por parte da população. Organizou-se uma Associação de Moradores que teve um papel decisivo na negociação da mudança da cidade, fizeram abaixo assinados, buscaram todo tipo de auxílio possível e estas foram as expressões de resistência mais visíveis. Esses embates podem ser visualizados em reportagens presentes no jornal Correio, em recortes de jornais arquivados na Casa da Cultura em Nova Ponte, em boletins informativos divulgados pela Cemig e também nas narrativas de moradores. O desafio de buscar nestas linguagens o contraditório, os diferentes projetos sociais talvez interrompidos, está no entendimento dos significados que elas carregam. Justamente por serem linguagens sociais é preciso sondar nelas os significados trazidos e que podem ser importantes para o entendimento do processo histórico. Portanto, cabe dimensionar o momento em que foi produzido, os motivos, os autores e os conceitos com os quais lidam, indo além do conteúdo por ele mesmo, como propõe Khoury.⁴

Sendo assim, importa dimensionar os significados expressos em uma reportagem publicada no jornal Correio de Uberlândia, em 1992, sobre uma das manifestações organizadas pelos moradores

Moradores de Nova Ponte realizaram, ontem, uma manifestação de desagravo ao que consideram “desrespeito” quanto ao não cumprimento por parte da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) no cronograma das obras da nova cidade, em substituição da atual que ficará submersa com a formação do lago da usina.⁵

O trabalho com a imprensa exige que o historiador passe a compreender o não dito, visto que os jornais, ou seja, os grupos que estão à frente deles e os quais eles representam, são agentes que assimilam interesses de diferentes forças sociais que se opõe, articulando-os conforme os interesses dos grupos que apoiam. No entanto, por mais que os jornais representem interesses de determinados grupos, eles não estão alheios aos processos experimentados no dia-a-dia e, de um modo ou de outro, são cobrados do seu público leitor para que publiquem notícias de determinados

⁴ As leituras de Khoury e de Williams tem sido relevante para as reflexões desenvolvidas ao redor do termo linguagem. Ver: KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 22, p. 79-103, jun. 2001 e WILLIAMS, Raymond. Língua. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 27-49.

⁵ Povo faz manifestação em Nova Ponte. **Jornal Correio**. 06/05/1992. Uberlândia. Arquivo Municipal de Uberlândia.

acontecimentos. E, nas brechas, é possível identificar indícios de contradições sociais e fazer um exame mais atento a respeito da problemática que escolhemos.

O trecho acima oferece indicações da existência de uma manifestação organizada por parte dos moradores de Nova Ponte e revela a insatisfação da população com os modos como a Cemig vinha conduzindo as obras na cidade. A conclusão imediata a que nos leva este tipo de notícia é referente às maneiras como os moradores puderam resistir aos processos que lhes estavam sendo impostos. A manifestação de desagravo, a qual a notícia se refere, tratou-se de uma caminhada pelas ruas da antiga cidade de Nova Ponte, organizada pela Associação de Moradores, em protesto contra a demora nas obras da nova cidade, que se localizaria a três quilômetros da antiga sede, para onde foi posteriormente relocada.

Na primeira leitura que se faz da notícia acima, marcada por um caráter de denúncia, nota-se que é falado abertamente a respeito do descontentamento da população com o atraso nas obras da nova cidade. Ir para as ruas com cartazes e gritos de protesto também compõe a memória daquele processo vivido em Nova Ponte, no entanto, essa memória nem sempre ganha espaço nas versões explicativas que vem sendo constituídas sobre o processo experimentado na cidade. No seu lugar, é a memória da cidade que cresceu, que é planejada e moderna que tem prevalecido, tanto nas construções hegemônicas que se mostram em publicações da Cemig quanto em trabalhos acadêmicos, por exemplo, além estarem nas falas de muitos sujeitos moradores da cidade.

Mas, ao sair da primeira visão que fazemos do trecho citado, tem-se margem para a elaboração de uma série de questionamentos que passam por refletir acerca de outras histórias que compõem a realidade social. Considero que os jornais constituem formas de narrar os acontecimentos e de fixar uma interpretação entre outras possíveis e que também produzem registros de memórias (MACIEL, 2004). Alguns destes registros só podem ser vistos se fizermos uma leitura a contrapelo. Neste sentido, cabe questionar a respeito daquilo que não é dito. Qual é o significado da exigência feita pela população para que fosse cumprido o cronograma das obras da nova cidade? Em que termos se deu a negociação dessa nova cidade? Até que ponto os moradores de fato negociaram? Como este momento de tensão foi vivido pelos sujeitos? Com a mudança na cidade, o que mudava e o que permanecia nos modos de se viver na cidade?

Embora manifestações como as que se pode ler no trecho de reportagem publicado no jornal Correio sejam mais aceitas como sendo sinais de resistência, uma vez que diz respeito as formas de resistências mais visíveis, o propósito da tese também inclui buscar as resistências engendradas no dia-a-dia, nas relações vivenciadas e nos valores expressos nas falas dos sujeitos quando entrevistados. Sendo assim, a poesia, tomada como uma linguagem social, tendo em vista o fato de que é produzida por sujeitos sociais que interpretam as mudanças que se processam ao seu redor, exprimindo leituras feitas num momento histórico específico, tem sido relevante para esta pesquisa e tem contribuído para a tentativa de lidar com algumas inquietações relativas a problemática proposta. O trecho de poesia citado abaixo move à compreensão das tensões vividas na cidade de Nova Ponte, para além daquelas evidenciadas no jornal

Minha velha Nova Ponte
De rios cascatas e fontes,
Como eu gosto de você!
Minha, sua Nova Ponte,

Para mim você é eterna,
Mudá-la, mudá-la por quê?

Escondida no horizonte
Toda cercada de montes
De terras férteis assim,
Minha, nossa Nova Ponte,
Trabalham para o seu fim.
Minha eterna Nova Ponte,
Pode ser feia para eles,
Mas é bonita pra mim (...)⁶

Esta poesia foi publicada na revista organizada pela Academia Novapontense de Letras e Artes, organizada pela Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Cultura em 2005. O autor da poesia, o professor Gerson Tomaz da Silva, professor de escolas públicas de Nova Ponte, é quem está atualmente à frente da organização da academia. O assunto principal da sua poesia é a mudança da cidade de Nova Ponte e essa mudança é trazida por ele nestes versos sob uma perspectiva de lamento. Este olhar por meio do qual ele expressa suas percepções sobre os processos sociais vividos é representativo das maneiras como muitos moradores entendem as transformações na cidade e, por este motivo, é importante trazê-lo à tona.

“Para mim você é eterna, Mudá-la, mudá-la por quê?” É nestes termos que muitos sujeitos interpretam as mudanças e permanências nos modos de se viver na cidade, tomando a sua relocação como o elemento definidor de tais mudanças. A saudade expressa nestes versos é do mesmo modo representativa das maneiras como os sujeitos se referem ao passado. Saudade que em alguns momentos é expressa como nostalgia por alguns sujeitos, seja em entrevistas gravadas, em conversas informais ou em outras poesias. Entretanto, o sentimento de saudade aqui não é diminuído, pelo contrário, é valorizado porque trata dos modos como os sujeitos lidam com suas memórias a partir do presente vivido, interpretando suas experiências na cidade.

Compreendo que os sentimentos de saudades e de lamento em relação à mudança da cidade são elementos significativos para o entendimento a respeito das maneiras como os sujeitos resistiram à imposição da mudança, uma vez que a resistência não se dá apenas em motins ou em lutas armadas. A resistência também se manifesta nas escolhas, nos valores, nas culturas e nas memórias que os sujeitos elaboram sobre suas vivências. Desse modo, quando no texto o autor se refere à cidade a partir da lembrança dos rios, cascatas, fontes e das terras férteis, é possível depreender a respeito de memórias das classes trabalhadoras. São memórias que compõe o processo, mas que vêm sendo ocultadas por outras que valorizam os aspectos positivos das mudanças na cidade, sobretudo, propagandeando uma noção de novo, de moderno e de progresso.

O poema faz pensar na relevância que o rio tinha na vida da cidade e, essa lembrança que o poeta ativa, permite refletir sobre os diferentes modos como a resistência pôde se dar, uma vez que o poeta escolhe o que quer lembrar. Ao compreender que as memórias são algo ativo e estão em constantes disputas no social, é tarefa do historiador privilegiar o contraditório, a tensão e os projetos sociais que não

⁶ SILVA, Gerson Tomaz da. Nova Ponte bonita para mim. In: Nova Ponte: Musa de prosa e verso. Revista da Academia Novapontense de Letras. Ano 2, volume I, 2008, p.12-13.

venceram. A poesia permite evidenciar memórias de sujeitos que, de um modo ou de outro, estabeleciam relações a partir do rio, ou seja, experiências de classe vividas na cidade.

Nova Ponte era uma cidade cortada pelo rio Araguari, de um lado se situava o bairro São Miguel e de outro o bairro São Sebastião. O rio era o lugar da pescaria, muitas vezes praticada com a finalidade de complementar ou de ser a base da alimentação, e também era o espaço de lazer para onde se ia com a família e com amigos para pescar ou para tomar banho em dias quentes. Apesar de o intento não ser o de trazer o processo social naquilo que se perdeu ou que se ganhou, há nas falas de muitos moradores, assim como aponta a poesia citada, a percepção de que as relações estabelecidas a partir do rio é algo que se perdeu. Este aspecto instiga a pensar que a simples percepção de que as coisas mudaram, e que em alguns aspectos essas mudanças são rechaçadas, são por si próprios um indicativo de alternativas de resistências que vão sendo engendradas no social. São as relações cotidianas e os modos como elas são expressas nas memórias dos sujeitos os principais aspectos que caracterizam os modos como os moradores de Nova Ponte procuraram resistir as mudanças experimentadas na cidade.

Mas, além de permitir compreender os modos como se caracterizam a resistência dos moradores ao processo de mudanças vivido na cidade, a poesia é uma linguagem que possibilita pensar processos de transformação nas culturas

Velha Nova Ponte...
Pra mim você não morreu,
Pois ainda existe nos meus sonhos.

Nova Ponte da rua Boiadeira,
Estrada cheia de poeira,
Da rua principal coberta de pedras...
De pessoas tão singelas e belas;
Como Alzira, Juvercina e Maria Quirina⁷

Nesta poesia, nota-se que a autora lida com a ideia de que existe uma cidade que está morta. O texto como um todo conduz a compreensão de que a morte a qual ela se refere diz respeito ao represamento das águas para a construção da usina, fazendo com que a cidade tivesse que ser reconstruída em outro local. A poesia mesma é significativa para expressar as tentativas de resistência a este processo por parte daqueles que discordavam do rumo das transformações. Sem desconsiderar que a chegada da usina é significativa e que causou danos, procuro não perder de vista a perspectiva de compreender que as mudanças já vinham se processando. Aquilo que lembrava a cidade de Nova Ponte, e tantas outras cidades da região, como a amizade com a vizinhança, o conhecer e tratar as pessoas pelos nomes, como o que é apontado na poesia, são experiências que vêm cedendo lugar a outras num processo dinâmico maior.

O mais importante talvez seja considerar que o não conformar-se com a direção das mudanças indica que havia outros projetos, outros sonhos e prioridades. Percepções acerca do social como essas, o historiador não pode deixar que sejam apagadas. Entretanto, cabe a ele esmiuçar as tramas nas quais elas aparecem ensejadas.

⁷ ALMEIDA, Lúcia Aparecida E. Nova Ponte, pra mim você não morreu. In: Nova Ponte: Musa de prosa e verso. Revista da Academia Novapontense de Letras. Ano 2, volume I, 2008, p.143.

Referências:

BARBOSA, Marta Emília J. Entre a palavra e a imagem: o sertão da fome. In: _____. **Famintos do Ceará – imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX**. 2004. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 133-245.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? **História e Perspectiva**. Revista dos Cursos de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, EDUFU, n. 6, p. 5-23, 1992.

_____. Cultura e história social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História, EDUC, n. 10, p. 73-90, 1993.

_____. Introdução. **Cidades**. São Paulo: Olho D'água: PUC/Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1999. p. 5-13.

_____. et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FONTANA, Josep. Por uma história de todos; em busca de novos caminhos. In: _____. **A história dos homens**. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 439-490.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO, 2003. p. 231-247.

HOGGART, Richard. Quem são as classes trabalhadoras?; “Nós” e “Eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 15-32; p.87-122.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. e outros (orgs). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos; memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 10, p. 41-58, 1993.

_____. A filosofia e os fatos; narração, interpretação, e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Região. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. v 8, p. 396-487.

SANTOS, Milton. Limites à globalização perversa. In: _____ **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.117-140.

SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: _____. **Paisagens Imaginárias: arte e meios de comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 55-64.

THOMPSON, E. P. _____. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**; uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. Prefácio; Exploração; Padrões e experiência. In: _____. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9-14; p. 11-38; p. 179-124.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. Língua; Hegemonia; Estruturas de sentimento. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 27-49; p. 111-117; p. 130-137.